



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA  
ISSN 2525-3441

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
V. 7, N.21, P.95-119  
DOI: 10.18764/2525-3441V7N21.2022.22

## A ORALIDADE NAS CRÔNICAS DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

*ORALITY IN THE CHRONICLES OF LUIZ FERNANDO VERÍSSIMO*

Vanessa Cristiane Freitas Fernandes Santos  
<https://orcid.org/0000-0003-4777-521X>

**Resumo:** Este artigo tem como objeto de estudo discutir as marcas de oralidade presente nos diálogos de ficção. O corpus é composto de excertos de crônicas que compõem três obras do escritor Luis Fernando Veríssimo: “Comédias para se Ler na Escola” (2001); “Mais Comédias para se Ler na Escola” (2010) e “As Mentiras que as Mulheres Contam” (2015). A metodologia parte de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, com análise de alguns excertos relevantes para a pesquisa. A partir de pressupostos teóricos da Análise da Conversação, averigou-se que o autor lança mão de alguns recursos utilizados na linguagem falada a fim de construir uma escrita literária com manifestação da oralidade por meio de marcas que produzem, nos diálogos dos personagens, efeito de fala.

**Palavras-chave:** Marcas de oralidade; Linguagem literária; Luis Fernando Veríssimo.

**Abstract:** This article aims to discuss how oral marks are present in fiction dialogues. The corpus is composed of excerpts from chronicles that make up three works by the writer Luis Fernando Veríssimo: “Comedies to Read at School” (2001); “More Comedies to Read at School” (2010) and “The Lies That Women Tell” (2015). The methodology starts from a qualitative approach, of a descriptive and interpretative character, with analysis of some extracts relevant to a research. Based on theoretical assumptions of Conversation Analysis, it was found that the author makes use of some resources used in spoken language in order to build a literary writing with the manifestation of orality through marks that corrects, in the dialogues of the characters, the effect of speech.

**Keywords:** Marks of orality, literary language, Luis Fernando Veríssimo.

## INTRODUÇÃO



A análise de conversações tem se constituído um terreno fértil para a compreensão de como ocorre a interação entre os interlocutores durante uma conversação e, portanto, constantemente emprega corpora linguísticos gravados. No entanto, outras possibilidades de análise surgem com os estudos linguísticos de textos literários, pois muitos destes apresentam, em seus diálogos, características próprias da oralidade, constituindo-se em verdadeiras “conversações literárias”.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a presença de fatores intrínsecos da oralidade no diálogo de ficção de Luis Fernando Veríssimo e como tais conversações se adequam à temática e à caracterização de personagens realizadas pelo autor. Para tanto, dentre os diversos gêneros textuais com grande inserção de diálogos, selecionamos a crônica de Veríssimo como objeto de análise. A partir de estudos da Análise da Conversação, discutimos a manifestação da linguagem oral presente na linguagem literária de suas crônicas, de maneira que possamos compreender as marcas orais empregadas na construção de seus diálogos literário.

Para discutir o tema proposto, selecionamos três livros de crônicas do escritor Luis Fernando Veríssimo: “Comédias para se ler na escola”, “Mais comédias para se ler na escola” e “As mentiras que as mulheres contam” como objeto de análise.

O aporte teórico da pesquisa está alicerçado nos conceitos da Análise da Conversação e nos estudos da linguagem literária. Foram empregados, especificamente, os construtos teóricos de Biber (1991), Marcuschi (2015, 1997), Jubran (2015), Koch (2015), Galembeck (2001), Urbano (2001), Hilgert (2001), Barros (2001), no âmbito dos estudos da construção do texto falado e em Preti (2004, 2015) e Urbano (2000), no que compete ao estudo do diálogo literário.

## 2 Linguagem falada e linguagem escrita

As diferenças entre os sistemas da fala e da escrita se tornaram ponto de divergências entre os estudiosos da linguagem e, durante muito tempo, alguns estudos sustentaram uma visão



dicotômica entre elas, impondo-lhes certos caracteres totalmente estanques e, via de regra, privilegiando a língua escrita em detrimento da falada, conforme assevera Marcuschi (1997, p. 135):

O cerne das confusões na identificação e avaliação das semelhanças e diferenças entre a fala e a escrita acha-se, em parte, no enfoque enviesado e até preconceituoso a que a questão foi geralmente submetida e, em parte, na metodologia inadequada que resultou em visões bastante contraditórias. A fala tem sido vista na perspectiva da escrita e num quadro de dicotomias estritas porque predominou o paradigma teórico da análise imanente ao código. Enquanto a escrita foi tomada pela maioria dos estudiosos como estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata, a fala era tida como concreta, contextual e estruturalmente simples.

161

No entanto, com o avanço dos estudos linguísticos e, principalmente com o desenvolvimento de teorias como a Análise da Conversação, a dicotomia entre língua falada e língua escrita passou a ser questionada por muitos autores. Surgiram, então, novos enfoques no tratamento dado a oralidade, demonstrando que fala e escrita constituem duas modalidades de uso da linguagem que concretizam e dão materialidade à mesma língua.

Assim, evidenciou-se que não há motivos para desprestigiar uma e supervalorizar a outra, mesmo considerando suas características distintas. Embora enquadradas numa mesma língua, fala e escrita possuem particularidades próprias e apresentam características bastante peculiares, como postulado por Marcuschi (1997, p.136):

as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos. Em conseqüência, temos a ver com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear.

Assim, há gêneros de textos mais próprios da língua oral, e outros próprios da língua escrita, e há, ainda, uma variedade de textos que se aproximam de uma ou de outra modalidade da língua, pois as práticas sociais de sua produção se organizam num contínuo que pode estar mais próximo do polo da fala ou da escrita, muito embora considerando que as categorias distintas entre os dois

sistemas nem sempre são claras, ou mesmo necessárias, como estabelece Biber (1991, p.5, tradução nossa):



Pode-se esperar que as características linguísticas da linguagem falada e escrita tenham sido analisadas minuciosamente. De fato, houve muitos estudos linguísticos da fala e da escrita, mas há pouco acordo sobre as características salientes dos dois modos. A visão geral é de que a linguagem escrita é estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata, enquanto a linguagem falada é concreta, dependente-do-contexto e estruturalmente simples. Alguns estudos, no entanto, quase não encontraram diferenças linguísticas entre a fala e a escrita, enquanto outros afirmam que a fala é mais elaborada e complexa do que a escrita. Também houve considerável desacordo quanto à necessidade de uma comparação linguística fala e escrita.

Baseado em tais nuances, Marcuschi (1999, p. 137) observa que “tanto a fala como a escrita se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de dois contínuos sobrepostos”. Portanto, determinados textos escritos podem embasar-se na perspectiva da língua falada enquanto outros, na da língua escrita. Tudo irá depender dos diversos tipos de práticas sociais durante a produção do texto.

O que se verifica, na verdade, é que existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao polo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários (KOCH, 2015, p. 43).

Nesse contexto, sendo a obra literária uma manifestação escrita com objetivos estéticos que buscam recriar a realidade oral, o autor pode recriar no texto literário qualquer “modalidade linguística, porém sob o aspecto abrangente da intenção artística e estética” (URBANO, 2000, p. 129).

### 3 O texto falado no diálogo literário

Os textos literários têm servido de *corpus* para muitas pesquisas linguísticas, fornecendo amplo material para análise, inclusive na linha da Análise da Conversação. Isso porque “em todos os momentos da literatura, encontramos autores que se deixaram influenciar pela oralidade, levando para a escrita variantes que deveriam ter sido comuns em seu tempo” (PRETI, 2004, p. 117).



Ocorre que a escrita, por meio da literatura, tem registrado e contribuído para marcar a presença da fala no papel, pois muitos autores têm inserido aspectos da língua oral contemporânea em seus textos no intuito de criar uma obra cuja linguagem seja o mais próxima possível da língua falada.

Segundo Urbano (2000, p.14), “o aproveitamento da língua falada, quer em nível de diálogo das personagens, quer em nível de narração, tem ocorrido, com maior ou menor intensidade, em todas as épocas e em muitas literaturas”.

Apesar de o texto literário ser uma manifestação escrita, que pressupõe um processo de elaboração e de planejamento de uso da linguagem, os objetivos do escritor são, em sua essência, de finalidade estética, por isso os autores têm usado cada vez mais o emprego de recurso típicos da oralidade como estratégia para criar, em suas obras, diálogos de ficção que apresentem uma maior proximidade com a língua falada.

Assim, os escritores literários têm em vista fazer uso do registro da língua oral em seus escritos a fim de tornar mais reais as falas dos personagens, valendo-se muitas vezes da espontaneidade da oralidade para atingir seus objetivos estéticos.

Nessa perspectiva, Urbano (2000, p. 128) afirma que “dentro deste ponto de vista, podemos compreender que a linguagem, por exemplo, pode ser criada e recriada parcialmente dentro do texto literário, com valores e funções vinculados à intenção estética do autor”.

Entretanto, convém observar que o texto literário não equivale à transcrição de uma interação verbal espontânea na íntegra, apenas apresenta em seu *corpus* alguns recursos da língua oral, revelando, assim, a habilidade do escritor em elaborar seus textos escritos com efeito de fala.

Tais efeitos pressupõem que a escrita não seja a representação fiel e absoluta da fala, muito embora seja possível passar ao leitor a ilusão de diálogo oral no texto literário por meio de um hábil processo de construção textual por parte do autor.

De acordo com Preti (2004, p. 126):

O escritor emprega, na escrita, “marcas de oralidade” que permitem ao leitor reconhecer no texto uma realidade linguística que se habituou a

ouvir ou que, pelo menos, já ouviu alguma vez e que incorporou a seus esquemas de conhecimento.



Tendo em vista demonstrar o trabalho de incorporação da língua falada no texto literário, propomos, neste estudo, refletir sobre as marcas de oralidade presentes em crônicas de Luis Fernando Veríssimo. Escritor, humorista, cartunista, autor de teatro, romancista e músico, Luis Fernando Veríssimo é um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos. Estreando na literatura há mais de quarenta anos, sua obra consiste em uma vasta coletânea com mais de sessenta títulos publicados. Tornou-se destaque, em 2006, como um dos mais populares escritores do Brasil, tendo atingido a marca de mais de cinco milhões de exemplares vendidos de seus livros.

A escolha pelo referido autor deve-se pois, principalmente, pelo motivo de sua obra apresentar uma contemporaneidade linguística, expressa na ousadia de sua linguagem, e pelo fato de o gênero principal de sua obra, a crônica, possibilitar a observação da vinculação da linguagem literária à dinâmica da língua falada.

164

#### **4 Corpus e procedimentos de análise**

Dentre as várias obras que compõem o acervo do escritor Luis Fernando Veríssimo, selecionamos três para procedermos à análise da presença de marcas da oralidade no processo de construção dos diálogos dos personagens. Foram selecionadas: “Comédias para se ler na escola”, “Mais comédias para se ler na escola” e “As mentiras que as mulheres contam”, as quais mantêm em seu *corpus* a presença de fatores intrínsecos da língua falada, notadamente, o uso de estratégias conversacionais empregadas pelo autor a fim de criar um simulacro da fala cotidiana no diálogo literário.

Além disso, apresentaremos os recursos para construção dos diálogos, com base na Análise da Conversação, e observando como se alinham à temática e estilo de Veríssimo, ou seja, como participam decisivamente na construção dos personagens das crônicas. Nesse sentido, a temática e o estilo do autor em suas crônicas são marcados



por linguagem coloquial – traço característico do gênero crônicas – com fortes traços de humor amparados na análise crítica sociocultural do país e a cultura de massas (Duarte, 2007; Costa, 2020).

#### 4.1 Estratégias de gestão de turno

Primeiramente, convém ressaltar que uma das características mais evidentes da conversação é o fato de os interlocutores alternarem-se nos papéis de falante e ouvinte. De acordo com Galembeck (2001, p.55), uma das formas de se compreender a organização do texto conversacional consiste em averiguar “os processos pelos quais ocorre a alternância nos papéis de falante e ouvinte e a maneira pela qual os participantes atuam conjuntamente na construção do diálogo”.

Assim, a conversação simulada no diálogo literário é caracterizada pelo recurso de gestão de turno – troca de falantes e sustentação da fala – que evidencia uma alternância contínua nas posições de falante e ouvinte entre os interlocutores. Essa estratégia adotada pelo autor demonstra o intuito de garantir nos diálogos dos personagens um efeito de fala em simetria, marcada por numerosas passagens de turno que caracterizam o diálogo informal cotidiano (Excerto 1).

Excerto 1

– Alô!

–Alô, Albinha? Aqui quem fala é Vivian Malheiros de Lima e Lima.

Nos conhecemos no ca...

– Mas claro! Como vai?

– Muito bem. E você? Já fazendo as malas?

– Nem me fala. Sinistro.

– Os amigos podem saber para que posto vai o... o...

–O Jorge Augusto? Olha, Vivian, a coisa ainda é meio secreta. O Jorge Augusto não fala muito no assunto, em casa. Só sei que é coisa certa.

– Está me cheirando a primeiro escalão...

– A quê?

– Ministério, Albinha. E o Jorge Augusto merece.



- Não sei. Vai ser sinistro...
- O que é isso, querida? Precisamos comemorar. Vocês estão livres na sexta?
- Sexta-feira? Bem...
- Quero oferecer um jantarzinho para vocês, meu bem. Meu marido, de tanto ouvir falar de vocês, está louco para conhecer o João Augusto.
- Jorge Augusto. Olha, acho que vai dar. Mas depois da novela, hein?
- Dez horas, está bem? Só nós e mais uns três ou quatro casais.
- Ótimo, Vivian.
- As amigas me chamam de Vica.
- Ótimo, Vica!

*Fonte: Escalões. As mentiras que as mulheres contam. p.102-103*

Observamos a alternância de turno entre os personagens do texto pelo uso de recursos de construção de diálogos escritos na forma direta, ou seja, pelo uso do travessão para indicar o início da fala dos personagens e ponto final para indicar o fim. Além disso, a marca da conversa cotidiana informal dá-se constantemente, como exemplificado pelo fragmento acima, por meio de outros recursos empregados pelo autor para indicar a passagem de turno entre os falantes, como o assalto ao turno. Neste excerto, o assalto de turno é marcado ao leitor por meio de reticências. Veríssimo faz amplo uso deste sinal gráfico, comumente empregado com o valor de pausa, para implicar que o ouvinte interveio “sem que sua participação tenha sido direta ou indiretamente solicitada” (GALEMBECK, 2001, p.74).

A constante ocorrência de assaltos de turno diminui a noção de distância social e, dado o contexto do *corpus* em análise, indica uma relação de informalidade entre os personagens. Nesse sentido, encontramos alguns exemplos de assalto ao turno com “deixa”, quando o ouvinte, aproveitando-se de um momento de hesitação do locutor, invade o turno do falante, conforme podemos observar no excerto citado a seguir:

#### Excerto 2

- Os amigos podem saber para que posto vai o... o...



- O Jorge Augusto? Olha, Vivian, a coisa ainda é meio secreta. O Jorge Augusto não fala muito no assunto, em casa. Só sei que é coisa certa.
- Está me cheirando a primeiro escalão...
- A quê?
- Ministério, Albinha. E o Jorge Augusto merece.
- Não sei. Vai ser sinistro...
- O que é isso, querida? Precisamos comemorar. Vocês estão livres na sexta?
- Sexta-feira? Bem...
- Quero oferecer um jantarzinho para vocês, meu bem. Meu marido, de tanto ouvir falar de vocês, está louco para conhecer o João Augusto.

Fonte: Escalões. As mentiras que as mulheres contam. p.102-103

167

Neste trecho, a hesitação do falante é marcada ora pela repetição “o...o...” ora diante de sua hesitação expressa pelo uso de reticências “escalão...”, “sinistro...” e “Bem...”. O ouvinte, então, diante da hesitação do falante, assalta o turno e toma a palavra sem que o interlocutor tenha encerrado seu turno.

Ademais, há, ainda, outra forma de assalto ao turno. É o assalto ao turno sem “deixa”, que, segundo Galembeck (2001, p.75), “não ocorre em face de sinais de hesitação e corresponde, pois, a uma entrada brusca e inesperada do ‘assaltante’ no turno do outro interlocutor”. A existência de diversos assaltos de turno sem deixa marcam um “estilo dialógico” que se coaduna com o contexto cultural e situacional construídos por Veríssimo nos textos:

#### Excerto 3

- Alô, Albinha? Aqui quem fala é Vivian Malheiros de Lima e Lima.  
Nos conhecemos no ca...
- Mas claro! Como vai?

Fonte: Escalões. As mentiras que as mulheres contam. p.102-103

Conforme observamos neste fragmento, a locutora ainda estava de posse da palavra quando foi interrompida



por sua interlocutora. Assim, a interlocutora realiza uma entrada no turno da falante, interrompendo o encerramento do turno que estava em andamento. Essa investida inesperada no turno da falante impede a conclusão da fala que estava em curso, registrado no texto pela não conclusão do enunciado que a interlocutora estava pronunciando: “ca...”.

Do ponto de vista da função interacional da linguagem, recursos como esse são característicos da configuração dialógica da comunidade discursiva que Veríssimo privilegia em seus textos, mais popular, com vistas à caracterização do “brasileiro” médio: “O aspecto irreverente e o aspecto gozador do brasileiro são artimanhas usadas para compor o relatório sobre a situação do Brasil” (Antonio, 2007, p.105).

#### 4.2 Hesitação

No momento da fala, o locutor procede a um recurso de construção linguística do enunciado. Como essa intenção comunicativa não é planejada anteriormente, em determinados contextos comunicativos, a incidência de descontinuidades no fluxo da formulação. Surge então a hesitação, ou seja, a necessidade de reformular o enunciado tendo em vista garantir sua compreensão.

No *corpus* em análise, também encontramos ocorrências de hesitação, conforme podemos observar no excerto a seguir:

##### Excerto 4

Existem contadores eméritos. E casos pungentes de grandes contadores que, com o tempo, vão perdendo a habilidade, até chegarem ao supremo vexame de, um dia, esquecerem o fim da anedota.

- Aí o anãozinho pega o desentupidor de pia e...
- Sim?
- E...e... Como é mesmo? Já me vem...
- Não!

Pior do que isso é o contrário. O contador decadente que passa a só se lembrar do fim das anedotas.

Fonte: Anedotas. Comédias para se ler na escola. p.108



Nesta passagem, o falante utiliza o recurso da hesitação no intuito de proceder a uma reformulação de seu enunciado. Essa hesitação é marcada ora por uma ocorrência de repetição “E...e...” ora pela expressão de dúvida do falante ao tentar formular seu texto: “Como é mesmo?”. Em seguida, o falante hesita novamente expressa por uma pausa de hesitação indicada pelo uso das reticências: “Já me vem...”.

Excerto 5

- Ah, Rosa. Não me diz que você tem uma igual!
- Não. Comprei para dar de presente a uma amiga. No Natal passado.
- Ah, é?
- É, Bel. Dei para você.
- Rosa... Eu... Ahn... Mmm... Quer dizer...
- Tudo bem, Bel. Se você não gostou da jarra, se achou muito kitsch, poderia ter falado. Afinal, nós éramos amigas.

Fonte: Ecos do Natal. As mentiras que as mulheres contam. p.71-72

169

Novamente, encontramos o registro de reformulação por hesitação reforçado pela presença das reticências. Assim, o emprego do pronome de primeira pessoa seguido do uso de reticências consiste na primeira marcação de tentativa de reformulação por hesitação: “Eu...”. Em seguida, a hesitação do falante ocorre por meio do uso dos marcadores de hesitação “Ahn... Mmm...” e pelo emprego do reformulador: “Quer dizer...”.

Assim, como o assalto a turno, as hesitações nos diálogos de Veríssimo também são marcadas com reticências. Além disso, são também traços indicativos da coloquialidade da fala que o autor pretende construir.

### 4.3 Paráfrase

Outro procedimento de reformulação do texto utilizado pelo autor é a paráfrase. De acordo com Hilgert (2001, p.114), as paráfrases revelam a ocorrência de

descontinuidades no texto falado e são empregadas na tentativa de solucionar os problemas encontrados na continuidade do texto. Assim, constitui uma atividade de reformulação pelo fato de reformular o primeiro enunciado, pois “mantém com seu enunciado de origem uma relação de equivalência semântica, ou seja, ela retoma, em maior ou menor grau, o conjunto de traços semânticos”.



#### Excerto 6

– Era sobre isso que eu queria falar com você.

O pai estranha a seriedade do filho. Nunca o viu assim. Nunca viu nenhum garoto de sete anos sério assim. Solene assim. Coisa estranha... O filho tira a espada da mão do pai. Diz:

– Pai, eu sou o Thunder Boy.

– Thunder Boy?

– Garoto Trovão.

– Muito bem, meu filho. Agora vamos para a cama.

Fonte: A espada. Comédias para se ler na escola. p.20

170

No excerto 6, há a ocorrência de uma paráfrase com equivalência semântica forte onde o enunciado “Thunder Boy” é retomado em “Garoto Trovão”. Observamos que a paráfrase mantém uma identidade significativa grande com sua matriz, ou seja, estabelece um alto grau de equivalência semântica.

#### Excerto 7

Um homem chega num balcão e tenta chamar a atenção da balconista para atendê-lo:

– Senhorita...

– Um minutinho.

O homem vira-se para outro ao seu lado e diz:

– Ih, já vi tudo.

– O que foi?

– Ela disse “um minutinho”. Quer dizer que vai demorar. No Brasil, um minuto dura sessenta segundos, como em qualquer outro lugar, mas um minutinho pode durar uma hora.



Fonte: Rápidas. As mentiras que as mulheres contam. p.59

Nesse fragmento, a relação entre o enunciado “um minutinho” com as paráfrases “Quer dizer que vai demorar” e “um minutinho pode durar uma hora” é muito reduzida, o que configura uma equivalência semântica fraca. Nesse caso, só é possível compreender a relação parafrástica por conta do conhecimento contextual dos interlocutores.

Excerto 8

-Você, hein? Tremendo galinha.

- Como, galinha?

-Galinha. Vive paquerando mulher. Dando em cima. Como agora. Galinha.

-Acho que galinha não é bem o termo. Sou um homem. Um bípede macho. E não há aves de espécie alguma entre meus antepassados.

Fonte: Galinha. As mentiras que as mulheres contam. p.163

No trecho citado, o enunciado “galinha” e “Vive paquerando mulher” mantém entre si uma relação de equivalência semântica muito fraca. O próprio interlocutor questiona essa relação em “acho que galinha não é bem o termo. Sou um homem. Um bípede macho.” Novamente só é possível compreender a relação parafrástica estabelecida entre os termos, considerando-se o conhecimento extratextual.

#### 4.4 Correção

Barros (2001, p.136) assevera que a correção consiste em um procedimento de reelaboração do discurso tendo em vista consertar seus erros, que devem ser entendidos como “uma escolha do falante – lexical, sintática, prosódica, de organização textual ou conversacional – já posta no discurso e que, por razões diversas, ele e/ou seu interlocutor consideram inadequada”.



#### Excerto 9

- O sexo da mulher é masculino?
- É. Não! O sexo da mulher é feminino.
- E como é o feminino?
- Sexo mesmo. Igual ao do homem.
- O sexo da mulher é igual ao do homem?
- É. Quer dizer... Olha aqui. Tem o sexo masculino e o sexo feminino, certo?

Fonte: Sexa. Comédias para se ler na escola. p.54

Neste excerto, observamos um exemplo de correção no enunciado em “É. Não! O sexo da mulher é feminino”, onde o emprego de “É” (= sim), que aparentemente confirmaria a pergunta do interlocutor, foi corrigido pelo falante por “Não!”, estabelecendo, assim, uma relação de contraste. Desta forma, a presença de traços semânticos opostos que diferenciam o elemento corrido do anterior, afirmação vs negação, marcam a ocorrência da correção realizada pelo falante.

172

#### Excerto 10

- Sua cor favorita.
- Verde. Não! Azul!
- Vamos, Rudi. É verde ou é azul?
- Azul, azul!
- Quem você levaria para uma ilha deserta?
- Não sei. Me deixem pensar.
- “Pensar”, Rudi? “Pensar”?! Você acha que está respondendo para o suplemento cultural? Vamos, quem você levaria para uma ilha deserta?

Dalva registrou com surpresa que Sandrinha é que fizera a pergunta. Rudi respondeu:

- A minha mãe. Não! A Malu Mader.

Fonte: A novata. Comédias para se ler na escola. p.81

O contexto supracitado trata de uma entrevista, por isso há uma forte tendência de ocorrências de correções pelos interlocutores, conforme podemos observar, pois Rudi, o



entrevistado, realiza algumas reorganizações de seu enunciado por meio de correções, como em: “Verde. Não! Azul” e “A minha mãe. Não! A Malu Mader.”

No *corpus* analisado, há ocorrências frequentes de paráfrases (4.3) e correções (4.4) acompanhadas de assaltos de turno em situações de simetria do tópico discursivo o que, nestes contextos, diminuem a distância social entre os interactantes e ampliam o tom coloquial das interações.

#### 4.5 Repetição

Dentre os processos de formulação textual, a repetição é o mais presente na oralidade, pois apresenta uma maleabilidade funcional que permite assumir variadas funções, como afirma Marcuschi (2015, p.207): “contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual, favorece a coesão e a geração de sequencias mais compreensíveis, dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas”.

Sua presença na fala faz parte do processo de formulação, por isso há muitas presenças de repetição neste tipo de linguagem. Na escrita, há poucas possibilidades de repetição, pois o processo de revisão e editoração, com sucessivos apagamentos, possibilita uma versão final, reduzindo, assim, sua ocorrência.

#### Excerto 11

- Delegado, prendemos este ladrão em atitude suspeita.
- Ah, um daqueles, é? Como era sua atitude suspeita?
- Suspeita.
- Compreendo. Bom trabalho, rapazes. E o que é que ele alega?
- Diz que não estava fazendo nada e protestou contra a prisão.
- Hmm. Suspeitíssimo. Se fosse inocente, não teria medo de vir dar explicações.
- Mas eu não tenho o que explicar! Sou inocente!



-É o que todos dizem, meu caro. A sua situação é preta. Temos ordem de limpar a cidade de pessoas em atitudes suspeitas.

- Mas eu só estava esperando o ônibus!

- Ele fingia que estava esperando o ônibus, delegado.

Foi o que despertou nossa suspeita.

- Ah! Aposto que não havia nenhuma parada de ônibus por perto.

Como é que ele explicou isso?

- Havia uma parada sim, delegado. O que confirmou a nossa suspeita. Ele obviamente escolheu uma parada de ônibus para fingir que esperava o ônibus sem despertar suspeita.

- E o cara de pau ainda se declara inocente! Quer dizer que passava ônibus, passava ônibus e ele fingindo que o próximo é que era o dele? A gente vê cada uma...

- Não senhor, delegado. No primeiro ônibus que apareceu ele ia subir, mas nós agarramos ele primeiro.

- Era o meu ônibus, o ônibus que eu pego todos os dias para ir pra casa! Sou inocente!

- É a segunda vez que o senhor se declara inocente, o que é muito suspeito. Se é mesmo inocente, por que insistir tanto que é?

- E se eu me declarar culpado, o senhor vai me considerar inocente?

- Claro que não. Nenhum inocente se declara culpado, mas todo culpado se declara inocente. Se o senhor é tão inocente assim, por que estava tentando fugir?

- Fugir, como?

- Fugir no ônibus. Quando foi preso.

- Mas eu não estava tentando fugir. Era o meu ônibus, o que eu tomo sempre!

- Ora meu amigo. O senhor pensa que alguém aqui é criança? O senhor estava fingindo que esperava um ônibus, em atitude suspeita, quando suspeitou destes dois agentes da lei ao seu lado.

Tentou fugir e...

Fonte: Atitude suspeita. Mais comédias para ler na escola.p.137-138



No excerto 11, a expressão “atitude suspeita” enunciada pelo locutor é retomada na íntegra no momento em que o interlocutor toma a palavra. Quando ocorre a troca do turno e o policial assume a palavra, novamente há nova ocorrência de repetição da palavra “suspeita”. A repetição aparece ainda pelo uso do grau superlativo absoluto sintético de suspeito em “Suspeitíssimo” e na sua forma plural em “atitudes suspeitas”.

Em seguida, há ocorrência de repetição pelo emprego do termo “ônibus”, que, neste trecho da crônica, é retomado por onze vezes durante as trocas de turno. Conforme o diálogo entre os personagens prossegue, surgem novos casos de repetição: a palavra “inocente” é retomada sete vezes, a palavra “culpado”, três vezes. Há, ainda, o uso de “fugir” por cinco vezes.

Observamos que o autor emprega o recurso da repetição no processo de construção textual da crônica, garantindo, por meio da retomada de palavras, o efeito de humor presente no texto.

175

#### 4.6 Marcadores conversacionais

O *corpus* apresenta elementos que contribuem para a construção da coesão e coerência textual, funcionando como articuladores, tanto das unidades cognitivo-informativas do texto, quanto dos interlocutores, de forma a marcar as condições interacionais e pragmáticas de produção do texto.

Os marcadores conversacionais são, segundo Urbano (2001, p.81), elementos de “variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão” (URBANO, 2001, p.81).

Excerto 12

- Eu e o Cascão vamos casar.
- Vocês, hein? Sempre fazendo tudo juntos. Com quem vocês vão se casar?
- Ora, com quem! Um com o outro. Nós nos amamos.

– O que? Mas, minha filha. Vocês, vocês... Vocês são tão amigos!

– Já marcamos a data.

Fonte: E o noivo estava de tênis. Mais comédias para se ler na escola. p.70



No excerto 12, identificamos a presença de alguns marcadores desse tipo, tais como: marcador linguístico de entonação interrogativa: “hein?”; e marcador de início de resposta que antecede a um comentário: “Ora, com quem!”. Este, corresponde a uma forma produzida pelo interlocutor no momento de tomada de turno, em resposta a pergunta do falante anterior. Além disso: “O que?” é marcador de pergunta que sinaliza uma entonação ascendente interrogativa; “Mas” funciona como marcador que converge para o engate de digressão opinativa; e “Vocês, vocês...” é marcador de hesitação expresso por meio de repetição de palavras seguido de pausa.

O excerto 13 traz outros exemplos de marcadores análogos:

Excerto 13

– Isso é coisa do Casemiro, é?

– Ahn... Não. Eu...

– Já vi que é. Pois diz praquela cafajeste que não adianta. A Lucimar ele não vê nunca mais.

Ela começou a fechar a porta, mas o Papai Noel resistiu.

Improvizou:

– Ela... Ela não precisa saber que é coisa do cafajeste. Digo, do Casemiro. Eu não digo nada. Pra todos os efeitos, sou o Papai Noel mesmo.

Fonte: A vida. Mais comédias para se ler na escola. p.44

No fragmento, observamos o uso de alguns marcadores, tais como: “é?” em posição final de turno que marca uma passagem requerida, sinalizando a solicitação de participação do outro interlocutor no tópico em andamento.

Em “Ahn... Não. Eu...”, o primeiro elemento aparece em posição inicial, marcando a tomada de turno e também é acompanhado de pausas que evidenciam hesitação. O segundo elemento marca a discordância do falante ante o enunciado do



interlocutor. O terceiro, por sua vez, corresponde a um pronome pessoal empregado como marcador de hesitação. “Já vi que é”, corresponde a um marcador oracional que introduz o turno indicando que há certeza na asserção do locutor. “Pois”, elemento de coesão que dá continuidade ao turno, funcionando como marcador inicial de valor ideacional. “Ela...Ela”, marcador de início de turno, o uso de repetição acompanhado de reticências também marca hesitação. “Digo”, assinala a reformulação de um termo do enunciado anterior (cafajeste). “Eu não digo nada”, marcador oracional com função de reforçar o enunciado anterior. “Pra todos os efeitos”, marcador medial com função ideacional. “Mesmo”, marcador simples empregado como reforço do elemento anterior (Papai Noel) e sinaliza o fim do turno.

#### Excerto 14

Emocionado e um pouco bêbado, aos cinco minutos do ano novo ele resolveu telefonar para o velho desafeto.

– Alo?

– Alo. Sou eu.

– É quem?

– Eu, pô.

O outro fez silencio. Depois disse:

– Ah, é você.

– Olha aqui, cara. Eu estou telefonando pra te desejar um feliz ano novo. Entendeu?

– Obrigado.

– Obrigado, não. Olha aqui. Sei lá, pô...

– Feliz ano novo pra você também.

– Eu nem me lembro mais porque nós brigamos. Juro que não me lembro.

– Eu também não lembro.

– Então, grande. Como vai Vivinha?

– Bem, bem. Quer dizer, mais ou menos. As enxaquecas...

Fonte: Bobagem. Comédias para se ler na escola. p. 83-4



interacional e sinalizando o fim do turno. “Ah”, marcador que assinala o início do turno. “Olha aqui, cara”, marcador oracional com dupla função: introduz o turno e busca envolver a atenção do ouvinte para o que vai ser dito. “Entendeu?” marca a entrega de turno ao outro interlocutor, constituindo-se em marcador de entonação ascendente que chama a atenção do ouvinte. “Obrigado, não”, marcador inicial com função interacional que indica discordância, pois o locutor inicia uma objeção às palavras de seu interlocutor. “Olha aqui”, marcador que busca induzir o interlocutor a prestar atenção para o que será exposto. “Sei lá, pô...”, marcador com valor interacional seguido de pausa, marca o final de turno. “Juro que não me lembro”, dá ênfase ao que foi dito. “Então, grande” e “Bem, bem”, marcadores interacionais que marcam início de turno. “Quer dizer, mais ou menos.”, marcador medial de sustentação de turno.

#### Excerto 15

- Alô, Vica? É a Alba.
- Oi, Albinha!
- Estou telefonando por uma bobagem, mas é que eu sou meio chata nessas coisas, sabe como é? O jantar na casa é com que traje?
- Esportivo, Albinha, esportivíssimo. Coisa bem informal. É só para nossos maridos se conhecerem melhor. Venham como quiserem.
- Então está bom, Vica.
- Alguma novidade sobre o posto do Jorge, Albinha?
- Ah! Parece que não é primeiro, não.
- Primeiro o que?
- Escalão.
- Mmmm.

Fonte: Escalões. As mentiras que as mulheres contam. p. 101.

No excerto 15, também encontramos outros exemplos de marcadores, como: “mas é que”, marcador medial em função ideacional sinaliza uma atenuação por parte do falante. “sabe como é?”, marcador interacional de envolvimento do ouvinte. No enunciado “Esportivo, Albinha, esportivíssimo. Coisa bem informal. É só



para nossos maridos se conhecerem melhor. Venham como quiserem” há uma relação entre os marcadores, uma vez que em “esportivíssimo” ocorre uma reformulação de “esportivo”. O mesmo ocorre em “coisa bem informal” para com “esportivo” e “esportivíssimo”. Já em “Venham como quiserem”, o marcador sinaliza uma atenuação (esportivo→esportivíssimo→coisa bem informal→venham como quiserem). “Então” usado como elemento sinalizador de retomada de turno. “Ah”, marca o início de resposta que funciona como comentário à pergunta do falante anterior, assim como funciona com prefaciador, empregado pelo locutor como elemento preparatório de declarações seguintes. “Parece que” é marcador que funciona como modalizador discursivo. “Não” é marcador que funciona como reforço da asserção em tom interrogativo, que tipifica a interação face a face. “Mmmm” é forma que funciona como marcador interacional e marca o acompanhamento da fala do outro. Opinativa.

Em termos gerais, os marcadores conversacionais colacionados no *corpus*, além de seu emprego operacional na organização textual (coesão e coerência), concorrem para, principalmente, o reforço da simetria do tópico discursivo e a marcação da coloquialidade nas conversas, ambos recursos que contribuem para a diminuição da distância social entre os interactantes (e.g. “sabe como é?”; “pô”; “Ah”; “Entendeu?”; “Olha aqui”; “Sei lá, pô...”, etc).

## 5 Considerações finais

Neste estudo, buscamos evidenciar algumas marcas de oralidade empregadas pelo escritor Luis Fernando Veríssimo na construção do diálogo literário dos personagens de algumas de suas crônicas a fim de identificar marcas estilísticas típicas de sua obra. Apesar de o diálogo de ficção não equivaler a uma interação verbal face a face, o autor consegue, por meio de um hábil processo de elaboração do texto literário, construir diálogos que apresentam proximidade com a língua falada e, por conseguinte, contribuem para a construção da identidade de seus personagens e contextos socioculturais.

Assim, o *corpus* que nos serviu de apoio para esta pesquisa mostrou-nos que muitos aspectos da oralidade podem estar presentes no diálogo literário. Utilizando-se



de recursos típicos da fala, como a hesitação, a paráfrase, a correção, a repetição, o uso de marcadores conversacionais, e até mesmo a passagem de turno sem deixa, o autor realiza um surpreendente processo de criação no diálogo literário de suas crônicas que, na voz dos personagens, resulta em uma empatia entre a fala dos personagens e o uso de recursos típicos da linguagem oral. Daí a proximidade entre oralidade e texto literário na sua obra.

Ademais, sabemos que o texto literário não configura um texto falado propriamente dito, por isso não temos a pretensão de afirmar que o *corpus* analisado represente um texto falado a priori. Nosso intuito nessa pesquisa é apenas o de ressaltar algumas marcas de oralidade criadas pelo autor que contribuem para a ilusão de texto oral espontâneo. Além disso, como assinala Biber (1991) numa visão prospectiva, a obra de Veríssimo apresenta-se como um referencial da contiguidade sistêmica entre fala e escrita.

180

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, A. S. L. *Mosaicos da memória: estudo da crônica humorística de Luís Fernando Veríssimo*. 2006. 387 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2006.

BARROS, D.L.P. de. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 5 ed. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 129-156.

BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge University Press, 1991.

COSTA, Carlos Augusto. Humor e ética da representação em Luís Fernando Veríssimo. *Contexto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, n. 38, 2020.



Dissertação (Mestrado)–Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, São Paulo, 2007.

GALEMBECK, P. de T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 5 ed. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 55-79.

HILGERT, J.G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 5 ed. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 103-127.

KOCH, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, I.V. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, C.S. (Org.). *A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 39-46.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. *Signótica*, 9: 119-145, jan/dez, 1997.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C.S. (Org.). *A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 207-240.

PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ROJO, R. *As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas*. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

URBANO, H. *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 5 ed. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 81-101.

VERÍSSIMO, L.F. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VERÍSSIMO, L.F. *Mais comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VERÍSSIMO, L.F. *As mentiras que as mulheres contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.



**Recebido em 15 de abril de 2021.**

**Aprovado em 21 de dezembro de 2022.**